

A UTILIZAÇÃO DE REDE SOCIAL EM CURSO DE JORNALISMO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Valéria MARTINS

Centro de Comunicação e Letras, Universidade Presbiteriana Mackenzie
São Paulo, São Paulo, 01241-001, Brasil

RESUMO

Em um mundo em que os artefatos tecnológicos invadem a vida da maioria das pessoas, alteram a comunicação das informações e criam novos espaços de conhecimento, as redes sociais podem auxiliar no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que, frequentemente, dinamizam trocas de experiências entre professores e alunos e entre os próprios alunos. A relação dos indivíduos com o saber mudou com as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) da mesma forma que as tecnologias também transformaram algumas funções cognitivas do ser humano. Foi a partir dessa realidade que surgiu a ideia geradora desta pesquisa. Alunos do Curso de Jornalismo de uma Universidade da capital paulista foram convidados a produzir textos que, posteriormente, foram publicados no Facebook. Este trabalho objetiva refletir sobre a utilização de redes sociais no universo de formação do Ensino Superior brasileiro. Para tanto, é descrita a experiência de se utilizar o Facebook durante as aulas de produção textual jornalística. Por fim, pondera-se sobre a necessidade dos docentes repensarem suas práticas pedagógicas com constância e em função do universo em que estão inseridos.

Palavras-chave: TIC; Facebook; produção textual jornalística.

INTRODUÇÃO

É evidente que a aprendizagem dá-se por meio das habilidades cognitivas do ser humano, não, unicamente, pela a tecnologia. Entretanto, uma ferramenta tecnológica bem utilizada, sem sombra de dúvida, pode favorecer e enriquecer o processo de aprendizado.

Para contemplar o presente problema, que objetiva investigar como as redes sociais podem trazer contribuições para o universo de formação do Ensino Superior brasileiro, tomou-se como *corpus* de análise notícias inéditas redigidas por alunos do primeiro semestre do Curso de Jornalismo de uma tradicional e renomada Universidade da capital paulista.

A partir dessa realidade, reflete-se sobre o uso da Internet e das redes sociais no mundo moderno e no ambiente educacional do Ensino Superior.

A seguir, é descrita a experiência de se utilizar o Facebook, a rede social mais utilizada há mais de uma década, em um Curso de Jornalismo. Tal possibilidade permitiu que os alunos expressassem-se de uma forma muito mais rápida e dinâmica, ressaltando a constante possibilidade de reflexão grupal na medida em que todos os estudantes acompanharam os textos dos colegas, bem como todas as outras pessoas que tinham acesso ao perfil pessoal da docente líder do projeto e ao perfil social dos alunos-autores dos textos.

Por fim, nas Considerações Finais, pondera-se sobre a necessidade de se repensar os cursos de formação do Ensino

Superior, de se alterar a ideologia e a forma de execução dos trabalhos solicitados aos alunos e a importância da constante atualização também dos professores os quais formam outros profissionais que terão funções fundamentais na sociedade em que vivem.

Levando-se em consideração o exposto, optou-se, para o presente trabalho, pela pesquisa-ação que

unifica processos considerados muitas vezes independentes, como o ensino, a avaliação, a pesquisa, o desenvolvimento profissional. Integra ensino e desenvolvimento do professor, desenvolvimento do currículo e avaliação, pesquisa e reflexão filosófica em uma concepção holística de prática reflexiva educativa [1].

Dessa forma, buscou-se, de modo novo e ao longo do próprio processo de pesquisa, a intervenção na prática.

Em educação, teoria e prática caminham juntas num processo de retroalimentação constante. Refletir sobre a própria ação pedagógica para atualizá-la, reinventá-la, é premissa para a atuação de todo professor que pretenda ser competente [2].

Nesse contexto, a pesquisadora procurou intervir em uma situação com a finalidade de verificar se sua proposta era eficaz ou não.

A FORMAÇÃO DO JORNALISTA NO BRASIL

Antes de se tratar dos cursos superiores de Jornalismo no Brasil, é necessário tratar de quem, historicamente, iniciou o percurso da educação brasileira: os jesuítas.

Os primeiros jesuítas, chefiados por Padre Manuel da Nóbrega, chegaram ao Brasil em 1549, quando iniciaram seus trabalhos que envolviam deter o avanço da religião protestante por intermédio da educação das novas gerações e da ação missionária que tinha como meta levar a fé católica aos povos das localidades que eram colonizadas pelos portugueses:

[...] seria mais fácil submeter o índio, conquistando suas terras, se os portugueses aqui se apresentassem em nome de Deus, abençoados pela Igreja. Dessa forma, a realeza e a Igreja aliaram-se na conquista do Novo Mundo, para alcançar de forma mais

eficiente seus objetivos: a realeza procurava facilitar o trabalho missionário da Igreja e esta, na medida em que procurava converter os índios aos costumes europeus e a religião católica, favorecia o trabalho colonizador da Coroa Portuguesa [3].

Bosi [4] reafirma esse ideal da educação ao explicar que, naquela época, a educação representava o “conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social”.

Dessa forma, pode-se dizer que, desde o início, a educação brasileira estava ligada à política e à ideologia religiosa, como, muitas vezes, ainda se vê hoje. Utilizando-se de um trabalho educativo, os jesuítas ensinaram, sim, as primeiras letras, a gramática latina e os costumes europeus, mas, com as atividades missionárias, facilitaram a penetração dos colonizadores.

A ideia, portanto, era “tomar conta das crianças, cuidar delas, discipliná-las, ensinar-lhes comportamentos, conhecimentos e modos de operar” [5]. Ensinar o aluno a pensar de forma autônoma não era prioridade nesse período da história. Muito pelo contrário, alguns achavam tal prática perigosa.

Quase dois séculos passaram-se. Em 28 de junho de 1759, Sebastião José de Carvalho, o Marquês de Pombal, tomou várias medidas para controlar e centralizar a administração do país de forma mais eficiente, entrou em conflito com os jesuítas e acabou com suas escolas. Foram, então, criadas as chamadas aulas régias de Grego, de Latim e de Retórica. De acordo com Carvalho [6], as mudanças pombalinas tinham o intuito de:

criar a escola útil aos fins do Estado e, nesse sentido, ao invés de preconizarem uma política de difusão intensa e extensa do trabalho escolar, pretenderam os homens de Pombal organizar a escola que, antes de servir aos interesses da fé, servisse aos imperativos da Coroa.

As reformas “tinham como objetivo criar a escola útil aos fins do Estado em substituição àquela que servia aos interesses eclesiásticos” [7]. Enfim, mais uma vez, o interesse educacional verdadeiro ficara esquecido.

Só em 1772, a partir da criação do subsídio literário, um imposto para o ensino, foram instituídas novamente aulas de ler e de escrever, de gramática latina, de Retórica, de Língua Grega e de filosofia. Ademais, como o ideário pedagógico da reforma pombalina visava à modernização de Portugal, foram criados, também, a Aula do Comércio – a qual se dirigia diretamente à burguesia mercantil - e o Colégio dos Nobres - que se dirigia à nobreza togada.

Cinco anos mais tarde, em 1777, todavia, Dom José I morreu. Sua filha, Dona Maria I, subiu ao trono e demitiu Pombal. Maria I abandonou todos os antigos projetos e ordenou o retorno dos religiosos ao magistério, medida que fez diminuir “as resistências que ainda existiam ao afastamento dos jesuítas”, que “aumentou o número de professores” e que “reduziu proporcionalmente os custos com o magistério” [8].

Quinze anos depois, Dona Maria I apresentou sinais de loucura e assumiu a regência seu filho, príncipe Dom João.

Na sequência, ocorreu a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808; a Proclamação da Independência, em 1822; a publicação da Lei de 20 de outubro de 1823 - que, entre outros assuntos, abria caminho à iniciativa privada ao permitir que qualquer cidadão abrisse uma escola independentemente de exame ou licença - e a promulgação da 1ª. Constituição brasileira em 1824.

Basicamente, nessa época, a grande meta do Império, principalmente devido à vinda da Família Real, era criar a escola útil aos fins do Estado, característica também da fase pombalina, mas, agora, no que diz respeito ao Ensino Superior e à formação das elites dirigentes do país.

Em virtude desse ideal, D. João criou vários cursos, a saber: Academia de Marinha; Academia Real Militar; Curso de Anatomia e Cirurgia; Curso de Agricultura; Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios; Curso de Cirurgia; Curso de Agricultura; Curso de Química e Curso de Desenho técnico. Já em relação ao ensino primário, destaca-se o inciso 32, do Art. 179, da Constituição de 1824 com o estabelecimento da instrução primária e gratuita para todos os cidadãos.

Foi só quase 80 anos depois, em função de deliberações dos I e II Congressos Católicos realizados, na Bahia, em 1900, e no Rio de Janeiro, em 1901, respectivamente, que foi fundada a primeira Universidade Católica do Brasil, a Pontifícia Faculdade de Filosofia e Letras que, entretanto, logo foi fechada devido à dispersão de seus docentes, em grande número estrangeiros, em função da Primeira Guerra Mundial. Segundo Brzezinski [9], o “pioneirismo dessas duas instituições de estudos pedagógicos em nível superior prenunciava a audácia dos católicos que manteriam a solidez do futuro sistema particular das Universidades Católicas brasileiras”.

No entanto, não foi isso que ocorreu efetivamente. No início do período republicano, ainda não havia no país um sistema nacional eficiente, sólido e articulado de Ensino Superior. Além disso, de acordo com Teixeira [10],

tínhamos duas alienações no Ensino Superior. A primeira grande alienação é que o ensino, voltado para o passado, nos levava ao desdém pelo presente. A segunda alienação é que toda a cultura transmitida era cultura europeia. E nisso tudo o Brasil era esquecido.

Também seria difícil que a situação fosse outra já que, segundo Chaia [11],

com efeito, durante os 49 anos correspondentes ao segundo Império, entre 1840 e 1888, a média anual dos recursos financeiros investidos em educação foi de 1,8% do orçamento do governo imperial, destinando-se, para a instituição primária e secundária, a média de 0,47%.

Sem investimentos minimamente relevantes, não havia como progressos efetivarem-se. Assim, o Ensino Superior manteve, durante o início da República, um pequeno número de escolas superiores isoladas.

Só mais de um século depois é que surgia a primeira universidade. Por determinação do Governo Federal, em 1920, foi criada, pelo Decreto nº. 14.343, de 07 de setembro,

a Universidade do Rio de Janeiro, criação esta que ocorreria com a junção de três escolas superiores que já existiam: a Escola Politécnica, a Faculdade de Direito e a Faculdade de Medicina.

Em 1912, também já havia a Universidade do Paraná, composta das Faculdades de Direito, Engenharia, Odontologia, Farmácia e Comércio. Entretanto, sua existência era questionada tendo em vista que o Governo Federal, de acordo com o Decreto nº. 11.530, de 18 de março de 1915, instituiu a criação de escolas superiores apenas em localidades com mais de 100.000 habitantes, realidade que não atingia o Paraná.

Até que em 11 de abril de 1931, surgiu o Decreto nº. 19.851 que instituiu o estatuto das universidades brasileiras, sendo a Universidade de São Paulo, criada em 25 de janeiro de 1934, a primeira instituição brasileira a ser organizada de acordo com o estatuto oficial das universidades, possuindo uma Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras a qual representava o ponto central do sistema universitário da instituição e que tinha como objetivos a formação de professores para o magistério secundário e para a realização de pesquisas.

Em relação, especificamente, ao Curso de Jornalismo, Hime [12] explica que:

Em 1943, por meio do testamento do jornalista paulistano Cásper Líbero, então diretor-proprietário de um dos mais modernos jornais da América Latina, *A Gazeta*, nascia a primeira faculdade de Jornalismo do Brasil. Devido a entraves legislativos, o curso só entraria em funcionamento quatro anos depois. A atitude pioneira não surpreendeu seus pares. Cásper Líbero, ao longo da década de 1930, aprofundou as reflexões nesse sentido, favorecido pelas viagens à Europa e aos Estados Unidos.

Em relação aos ideais pedagógicos, Cásper Líbero buscou a criação de um Curso de Jornalismo, ligado ao jornal *A Gazeta*, que pretendia formar profissionais competentes na atividade de escrever e falar, mas, também, com domínio pleno de história, filosofia e literatura. Todavia,

devido aos entraves burocráticos e legislativos - pois o ensino de jornalismo, apesar de instituído por decreto em 1937, não fora regulamentado ainda pelo Ministério da Educação -, somente em 1947 a Faculdade abriria as portas para sua primeira turma, vinculada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Nascia assim oficialmente a Faculdade de Jornalismo Cásper Líbero. Oficialmente, porque, na verdade, ela nasceu, pouco a pouco, em pequenos atos e iniciativas do empresário-jornalista, como resultado de anos de trabalho duro na profissão, viagens, estudo, observação e reflexões, que o levaram a valorizar extremamente o investimento na formação profissional. Para ele, o exercício responsável e competente da profissão exigia capacitação e aperfeiçoamento, tendo em vista o espírito do jornalismo [13].

Aliás, não se pode falar do surgimento dos cursos de Jornalismo no Brasil sem tratar de Cásper Líbero, já que ele pensava a área como um instrumento de ação social e como espelho do meio em que o jornalismo estava inserido.

Em função disso, Hime [14] detalha que o pensamento jornalístico de Cásper Líbero é composto de seis princípios básicos, sendo eles: progresso (tanto em relação ao local em que se produzia o jornalismo quanto em relação às ideias publicadas); nacionalismo (possível propulsor do desenvolvimento de uma nação); regionalismo (característica que valoriza cada uma das peculiaridades regionais que constituem a totalidade de um país); coletividade (que busca atender aos interesses da sociedade e não de interesses individuais); juventude (que pode representar a possibilidade de um país melhor) e função social (caminho para o surgimento de um sociedade verdadeiramente cidadã).

Quando Hime [15] trata de Cásper Líbero, ela ressalta que

Se julgava fundamental para o futuro da Nação investir na formação cultural do povo e das elites, não tinha dúvidas quanto ao papel do jornalismo na formação intelectual, moral e política da sociedade. Por isso, transformou seus veículos em instrumentos difusores de cultura.

O trabalho relatado por este artigo está calcado nesse ideal inicial de Cásper Líbero: difundir cultura mediante um dos princípios básicos elencados por ele, o progresso.

AS REDES SOCIAIS NO MUNDO MODERNO E NO AMBIENTE EDUCACIONAL

A Internet surgiu durante a época da Guerra Fria, em 1969, por meio dos estudos e pesquisas de uma agência do governo estadunidense que buscava comunicação entre suas bases militares.

Na década de 1990, havia a web 1.0, uma Internet estática que existia para os usuários terem acesso a informações. Ao tratar da principal característica da web 1.0, Peña e Allegretti [16] expõem que:

era um banco de dados, um repositório de informações, onde a atitude do usuário se restringia à coleta de informações segmentadas. Este fato se explica pela falta de conhecimento da linguagem de programação computacional dos usuários. O usuário ativo consistia em saber localizar as informações, sendo estas um produto acabado para ser acessado.

Dessa forma, não havia interação até que em 2004, Tim O'Reilly nomeou a nova Internet que surgiu como web 2.0 a partir da qual, em função de seu sistema de tráfego de informações e seu armazenamento, já era possível personalizar páginas - modificando o plano de fundo, por exemplo - e inserir e alterar informações:

Qualquer pessoa passa a ser protagonista na

rede. O espaço da autoria, que anteriormente era reservado a especialista renomado financiado por um editorial, com a web 2.0 passa a ser outro. Alteram-se as formas de publicação e a autoria passa a ser domínio de qualquer indivíduo. Na web 2.0, o fluxo de informação passa ser fluido e expandido [17].

Essa Internet dinâmica criou a possibilidade de aprendizado por dispositivos e ambientes virtuais que não existiam com a web 1.0. Trata-se de uma aprendizagem colaborativa que se dá através de uma perspectiva democrática, sendo que fazem parte deste universo as redes digitais:

As redes sociais na Internet ampliaram as possibilidades de conexões, ampliaram também a capacidade de difusão de informações. Algumas redes sociais pensadas como um canal de relacionamento e divulgação de informação acabaram tornando-se comunidades virtuais de aprendizagem dos mais diversificados temas, onde participam usuários especialistas e interessados que não se conhecem entre si, mas cujo interesse na troca de experiência e na discussão sobre a temática os leva à participação e consequentemente à aprendizagem colaborativa [18].

Além do mais, não se pode esquecer de que “a evolução da tecnologia alterou a relação homem-máquina”; de que “os sistemas operacionais se tornaram mais amigáveis” e de que “a mobilidade dos dispositivos midiáticos digitais facilita o acesso imediato aos bancos de dados, otimizando a relação tempo e espaço” [19]. É o surgimento da chamada sociedade híbrida. O indivíduo passa a delegar parte das informações, que antes ficavam em sua memória, aos dispositivos tecnológicos digitais e, por isso, torna-se dependente dela.

Também é importante ressaltar que o usuário deixou de apenas usufruir da rede e passou a ter a chance de contribuir com ela, como o que ocorre, hoje, com a Wikipédia, ferramenta na qual qualquer indivíduo tem a oportunidade de acrescentar ou excluir dados e editar conteúdos.

Contudo, essa nova possibilidade criou um problema: o excesso de informações incorretas ou não tão úteis. Foi essa problemática que gerou, por volta de 2007, a web 3.0, sendo que ela diferencia-se da web 2.0 principalmente pelo fato de a web 2.0 conectar pessoas e a 3.0 buscar a conexão de informações dado que o usuário, por exemplo, digita uma ou duas frases no navegador de sua preferência e a rede cruzará as informações existentes na web para mostrar ao usuário o resultado da busca com maior rapidez.

É nesse contexto que a aprendizagem ganha uma nova significação. Peña e Allegretti [20] explicam que:

Os dispositivos midiáticos existentes na sociedade híbrida nos permitem imergir nos ambientes virtuais, ampliando as condições do sujeito para criar, vivenciar, acessar informações diversificadas, aumentando significativamente a potencialidade de e para aprender. [...] Na sociedade híbrida a aprendizagem é uma ação contínua que se dá

na relação individual e coletiva, na qual o avanço de uma interfere na outra e vice-versa, sem uma hierarquia estabelecida [...].

Se a mobilidade dos dispositivos midiáticos digitais invadiu o cotidiano de parte da população e se a aprendizagem foi ressignificada, fica evidente que o ambiente escolar, agora considerado uma escola híbrida (instituição que, apesar de possuir um espaço físico determinado, expande-se e passa a também fazer parte do mundo virtual, no qual também ocorre o processo de ensino e aprendizagem escolar) não pode ignorar tal realidade:

Às instituições educacionais, cabe preparar seus alunos para essa nova forma de aprendizado; ensinando-os a acessar, buscar, selecionar e criar participando desse novo ambiente e sabendo lidar com as inúmeras possibilidades oferecidas. No entanto, parece que tais instituições ainda não se atentaram ao fato de que o ensino é também uma relação de comunicação e que, obviamente, é necessário maior comprometimento com as novas formas de comunicação proporcionadas pelas TIC [21].

No caso da Internet, então, a sua utilização pode possibilitar a combinação das linguagens verbal, sonora e imagética; propiciar maior rapidez na busca por informações e oferecer interatividade em tempo real com pessoas de todo o mundo.

Infelizmente, porém, embora muitas instituições de ensino já utilizem há anos o computador e a Internet no ambiente escolar, normalmente, as atividades continuam finitas no tempo e no espaço restrito da sala de aula, ou seja, os trabalhos escolares que fazem uso do computador e da Internet, de modo geral, limitam-se ao espaço físico das escolas. Da mesma forma, as propostas, geralmente, continuam ligadas a uma única disciplina e são estruturadas, rotineiramente, por um único professor.

O ensino não se faz apenas com o uso dos instrumentos tecnológicos. O computador e a Internet, por exemplo, são utilizados como um componente auxiliar no processo educativo. Não obstante, hoje, é inegável que eles sejam ferramentas de extrema relevância no processo de ensino-aprendizagem de jovens que habitam um mundo que se torna, diariamente, mais informatizado, interativo, midiático e virtual.

Freire [22], há anos, tendo em vista as características da educação do Brasil, já ditava: “Não tenho dúvida nenhuma do enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes”.

Não se trata, assim, de um aprendizado individual que se concentra, única e exclusivamente, na livre navegação em *sites* e na coleta de informações na Internet. Durante a execução de trabalhos bem elaborados, pode haver trocas entre professor e aluno e entre os próprios alunos. Contudo, para que as tecnologias possam trazer mudanças reais e significativas para o processo educativo, é necessário que elas sejam incorporadas pedagogicamente e de forma pensada e bem elaborada. Portanto, mais importante que o uso do computador ou da Internet, é a capacidade de adequação do processo de ensino-aprendizagem aos objetivos que levam o educando ao encontro do desafio de aprender.

É por isso, também, que vários estudiosos, como Morin [23], afirmam que o modelo de educação mais adequado ao mundo virtual seja o transdisciplinar - composto de um conjunto de áreas, com objetivos múltiplos, que se relacionam entre si - e não o multidisciplinar - segundo o qual o ensino baseia-se em um conjunto de áreas, com objetivos múltiplos, desconectadas entre si.

Abandona-se, desse modo, um processo de construção de conhecimento de forma compartimentada, segmentada, e surge a partir desse momento, naturalmente, um mecanismo totalmente interligado no qual as pessoas estão cada vez mais conectadas umas com as outras. A base do funcionamento da Internet, inclusive, também é transdisciplinar. Ao se utilizar a Wikipédia, por exemplo, é facilmente compreendido que, nela, navega-se entre inúmeros conceitos que estão relacionados a diferentes áreas do conhecimento e encontram-se milhares de artigos e definições interligados por um hipertexto, conceito que define um texto digital ao qual se ligam outros conjuntos de textos verbais ou não verbais por meio de *hiperlinks*, que se apresentam de forma destacada ao longo do texto digital principal e que oferecem novos conjuntos de informação que ampliam, explicam ou complementam as informações do texto inicial.

Todas essas mudanças afetaram a aquisição de conhecimentos. Por isso, se unidos ao uso do computador e da Internet - elementos tão presentes na vida das pessoas -, os trabalhos acadêmicos, talvez, pudessem se tornar mais significativos para os alunos. O processo de ensinar e de aprender não se limita à sala de aula. Por que, então, não fazer uso do mundo virtual que cerca o mundo hoje e faz com que milhares de pessoas interajam e se comuniquem?

É a partir desse raciocínio que surgiu a proposta de se utilizar o Facebook no Curso de Jornalismo.

Relatos do próprio Mark Zuckerberg, fundador do Facebook, demonstram que a ideia que gerou a criação da rede social mais famosa do mundo surgiu em setembro de 2003, quando Zuckerberg estava no segundo ano da graduação em Ciência da Computação na Universidade de Harvard.

Naquele mês, em um determinado dia, ele decidira levar para seu quarto um quadro-branco no qual iniciaria um esquema com um emaranhado de fórmulas e símbolos que já esboçavam as ideias para a criação de uma nova rede na Internet. De acordo com Kirkpatrick [24], o fundador do Facebook:

Passava horas a fio escrevendo códigos de software, independentemente da quantidade de trabalho acadêmico que precisasse fazer para as outras matérias não ligadas à computação. Dormir nunca era uma prioridade. Quando não estava diante do quadro-negro, Zuckerberg estava debruçado sobre o computador em sua mesa na sala, hipnotizado pela tela.

Em junho de 2005, o Facebook tinha 3 milhões de usuários. Em outubro, 5 milhões. 85% dos estudantes do Ensino Superior estadunidense usavam o Facebook. Os números eram tão surpreendentes que Zuckerberg já havia gastado 4,4 milhões de dólares em servidores e equipamentos de rede nos seus *datacenters*.

Em fevereiro de 2006, Zuckerberg aproveitou o momento para expandir o acesso do Facebook para alunos do Ensino Médio. Surgiu, também nessa época, o serviço de

hospedagem de fotos com a marcação dos nomes das pessoas que apareciam nas fotografias. O sucesso foi total pois tal recurso nunca havia sido oferecido. O usuário

só seria capaz de marcar as pessoas que tivessem confirmado que eram suas amigas. As pessoas marcadas recebiam uma mensagem alertando-as sobre isso, e aparecia um ícone ao lado de seu nome nas listas de amigos que constavam da página de cada usuário [25].

A equipe de jovens de 21 anos teve de se desdobrar posto que o novo recurso fotográfico usara todo o armazenamento dos servidores que o Facebook planejava usar nos seis meses seguintes. De qualquer forma, o Facebook tornou-se o maior *site* de fotos do mundo. Em março de 2006, Zuckerberg recebera uma proposta da empresa Viscom que oferecera 1,5 bilhões de dólares pelo Facebook.

Depois vieram vídeos, jogos, as funções “curtir” e “compartilhar” e o Facebook Notes, um recurso que permitia postagens em outros sistemas “concorrentes” da Internet. Finalmente, em 11 de setembro de 2006, o diretório foi aberto para o público em geral.

A partir de então, o mundo fora tomado por ele. Pessoas de todas as idades entram com grande frequência na rede social mais famosa do mundo, postam comentários pessoais ou reflexões sobre questões sociais, políticas e econômicas frequentemente.

As informações, dessa forma, adquiriram uma característica viral. São inquestionáveis, portanto, os efeitos interpessoais produzidos pelo Facebook.

O DESENVOLVIMENTO DA PROPOSTA

Em primeiro lugar, é fácil compreender que muitos graduandos do Curso de Jornalismo sintam-se desmotivados pelo fato de seus textos, muitas vezes, serem lidos por apenas uma pessoa: o professor que ministra a disciplina ligada à produção de textos jornalísticos.

É evidente que o professor pode solicitar que haja uma troca de textos entre os colegas, mas, levando-se em consideração a quantidade média de alunos por turma, 30 graduandos, tal prática torna-se difícil. De forma geral, então, o material produzido pelo aluno fica restrito a um grupo muito pequeno de pessoas.

Se um grupo maior de indivíduos pudesse entrar em contato com os textos produzidos ainda nos bancos universitários, os futuros jornalistas, talvez, sentir-se-iam mais motivados para produzir material jornalístico verdadeiro para a sociedade da qual fazem parte.

Em segundo lugar, esses alunos também poderiam ganhar experiência e maior prática no processo de captação de informações e escrita dos textos, habilidade fundamental para o jornalismo de hoje que cobra uma produção muito veloz, principalmente após a popularização da Internet como veículo de informações.

Em terceiro lugar, pautando-se em um dos princípios básicos criados por Cásper Líbero, a função social do jornalismo, seria muito mais significativo para os graduandos se eles pudessem produzir e dividir textos com pessoas que poderiam

interagir com suas ideias e reflexões. Nesse contexto, embora muitos professores digam que os alunos só usem o Facebook como forma de entretenimento, esse ambiente virtual poderia funcionar como ferramenta para que os textos produzidos pelos alunos gerassem troca de informações entre os usuários da rede social em questão.

Foi a partir dessas constatações que surgiu a ideia de criar um mecanismo coletivo para publicar textos jornalísticos produzidos na aula de produção de textos jornalísticos; para propiciar discussões; para permitir desabafo e questionamentos e para dividir boas notícias.

Para que os cidadãos possam assumir o papel de atores críticos, situados, têm de desenvolver a grande competência da compreensão que assenta na capacidade de escutar, de observar e de pensar, mas também na capacidade de utilizar as várias linguagens que permitem ao ser humano estabelecer com os outros e com o mundo mecanismos de interação e de intercompreensão [26].

Surgiu, assim, a ideia de usar o Facebook como instrumento metodológico. Para tanto, a pesquisadora deste trabalho solicitou no primeiro mês de aula que os alunos redigissem notícias inéditas que gostariam de publicar. Para não induzir os graduandos a escreverem em função de uma temática pré-determinada pela docente, nenhuma temática foi escolhida previamente nem foi dada como exemplo. Assim, os alunos tiveram total liberdade de criação.

Finalizados os textos, os alunos do Curso de Jornalismo da Universidade em que a pesquisadora ministra aulas regularmente entregaram as notícias produzidas. A docente fez a correção de cada uma das notícias e solicitou, dependendo de cada caso, ajustes em relação à norma padrão da Língua Portuguesa ou em relação ao conteúdo desenvolvido ao longo das notícias.

Posteriormente, após a reescrita de todas as notícias, os textos foram enviados para a docente que passou a publicar uma notícia de seus alunos por dia.

No primeiro dia de postagem, a pesquisadora-professora achou que seria importante explicar o motivo de suas postagens. A imagem abaixo ilustra essa postagem:

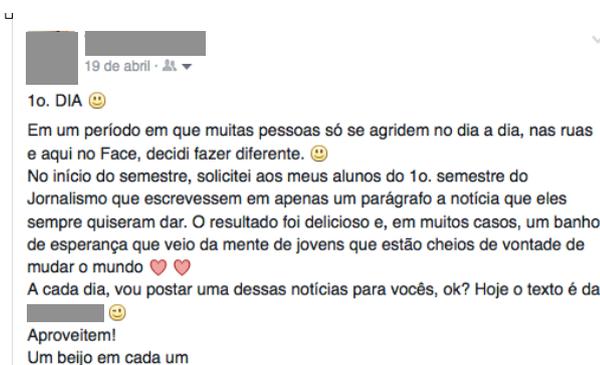


Fig. 1 Postagem da professora, líder do projeto, no 1º. dia da publicação das notícias produzidas pelos alunos.

É importante explicar que, no momento em que o projeto ocorreu, o Brasil passava por uma série crise política,

econômica e social a partir da qual o país ficou, lamentavelmente, dividido em função de dois grupos: um a favor e outra contra o governo federal.

A partir dessa divisão, muitas discussões surgiam no dia a dia das pessoas no trabalho, nos ambientes acadêmicos e no ambiente familiar. As discussões não representariam um problema - considerando que reflexões podem levar ao progresso da humanidade - se não tivessem se tornado agressivas demais, principalmente em manifestações de protestos nas ruas do país todo e, também, nas principais redes sociais utilizadas pelos brasileiros, entre elas, o Facebook.

Assim, o projeto viu, na desordem, uma possibilidade de direcionar a mente das pessoas para outras questões. Felizmente, os resultados foram muito bons e, nos primeiros dias de postagens, foram inúmeros os usuários que diziam que logo que entravam no Facebook queriam encontrar as notícias redigidas pelos alunos da docente, pois elas traziam uma nova atmosfera à rede social, ambiente que, de forma geral, estava repleto de ofensas infundadas às pessoas que se encontravam em diferentes polos da divisão narrada anteriormente.



Fig. 2 Postagem de uma professora do Ensino Superior que trabalha no Curso de Biologia da mesma instituição de ensino em que a docente líder do projeto.

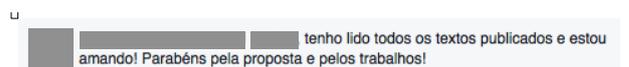


Fig. 3 Postagem de uma professora da Educação Básica que já trabalhou com a educadora líder do projeto.

Também era grande a quantidade de pessoas que classificava o projeto como criativo e que, mais importante ainda, dizia que o projeto estimulava a criatividade dos alunos do Curso de Jornalismo.

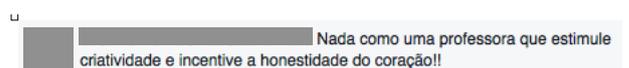


Fig. 4 Postagem de um amigo da professora líder do projeto.

Ao longo dos dias, eram frequentes, ainda, *posts* de usuários que diziam que torciam para que as notícias se tornassem reais o mais breve possível.



Fig. 5 Postagem de uma colega de trabalho da professora líder do projeto.

Como temáticas abordadas nas notícias redigidas pelos alunos, houve uma grande variedade de áreas envolvidas: fim da miséria na África; vacina contra o câncer; criação de um tecido emagrecedor; Brasil visto como um país desenvolvido; adoção de todos os cães do país; lançamento de um novo livro da saga Harry Potter; venda de um chocolate emagrecedor;

direito de estudo às meninas paquistanesas; abertura política da Coreia do Norte; sorteio de ingressos do evento musical Tomorrowland; volta do sentimento amor à Terra; reencontro das músicos Gilmour e Waters do Pink Floyd; vacina contra depressão; cura da aids; paridade salarial entre homens e mulheres; queda do valor do dólar no Brasil; lançamento de um carro que voa; vitória de times brasileiros de futebol na Taça Libertadores da América (uma tradicional competição que ocorre entre times da América do Sul) e no mundial interclubes da FIFA; vinda de Lionel Messi (jogador de futebol eleito cinco vezes o melhor do mundo) para o time brasileiro que mais venceu o campeonato mundial interclubes da FIFA (o São Paulo Futebol Clube); a inserção da dança em empresas multinacionais para relaxamento dos funcionários; queda no nível de desmatamento e poluição do planeta; fim de uma organização terrorista; lei de igualdade salarial; reaparecimento do astro pop Michael Jackson; lei de proibição de venda de animais e volta de Deus ao planeta Terra.

Duas das notícias mais curtidas e comentadas envolviam a cura da AIDS e a descoberta de uma vacina que combate o câncer. Seguem abaixo ambos os textos:

A INVENÇÃO DO SÉCULO: VACINA QUE PREVINE O CÂNCER

Manuela Martins

Após anos de experimentos, estudos e testes na Universidade Harvard (Massachusetts - EUA) sobre os efeitos da quimioterapia e radioterapia, foi liberada, nesta segunda-feira (30), uma vacina que, comprovadamente, impede o crescimento e a propagação de células cancerígenas. A vacina, quando aplicada, regula o crescimento das células no organismo e cria anticorpos muito mais potentes do que as células cancerígenas, combatendo assim a sua multiplicação. Sendo rápida e eficaz, a vacina tem de ser tomada anualmente. Foi considerada a invenção do século por ser a prevenção de uma das doenças que mais afeta a população mundial.

Fig. 6 Notícia sobre a criação de uma vacina que previne o câncer.

FOGO CONTRA FOGO

Cientistas brasileiros divulgam a descoberta da cura de um dos piores males do século XX, a AIDS.

Paola Churchill

Na manhã desta segunda-feira (23), em uma coletiva de imprensa para o mundo inteiro, a coordenadora do projeto, Helena Martins, divulgou o que pode ser considerado um dos maiores acontecimentos da humanidade. A cientista explicou que a ideia foi alterar o RNA do vírus para que ele se autodestrua, em vez de acabar com as células boas do organismo humano. Após a aprovação da ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), o medicamento estará disponível para todas as pessoas soropositivas.

Fig. 7 Notícia sobre a descoberta da cura da AIDS.

Talvez, como é grande o número de pessoas que já sofreram direta ou indiretamente com ambas as doenças, muitos usuários do Facebook pensaram, ao ler as notícias, que muito sofrimento poderia ter sido evitado se as notícias já fossem reais.

Outras notícias que geraram muitos comentários envolveram a criação de um tecido emagrecedor e a descoberta de que o chocolate ajuda no emagrecimento. Seguem os textos:

CIENTISTAS CRIAM TECIDO QUE EMAGRECE

Cientistas alemães produzem um tipo de tecido que promete contribuir para a redução de medidas

Barbara Reibel

Na Convenção de Ciências Aplicadas que ocorreu na última segunda-feira, 25, em Chicago, um grupo de cinco cientistas alemães apresentou às bancadas um novo tecido que promete, além de ajudar na melhor circulação sanguínea, reduzir medidas em apenas um mês de uso. De acordo com os pesquisadores, tais efeitos são conseguidos por meio de uma mistura do algodão normal utilizado na fabricação de roupas e um diferente tipo que se desenvolve apenas no sul do Brasil. Os efeitos milagrosos de tal tecido ainda estão sendo estudados por outros especialistas que prometem divulgar as descobertas até o final de agosto deste ano.

Fig. 8 Notícia sobre a criação de um tecido que emagrece.

CHOCOLATE AJUDA NO EMAGRECIMENTO

Pesquisa realizada pela Universidade de Harvard comprova que o chocolate ajuda a emagrecer

Rebeca Dias

Nesta segunda-feira, 2 de maio, foi divulgado o resultado de uma pesquisa feita pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, que, após diversas experiências, provou a ação positiva das substâncias do chocolate na queima de gordura. O alimento, que por muito tempo foi visto como vilão para quem queria emagrecer, agora pode ser um dos principais constituintes das dietas feitas por nutricionistas. Os detalhes da pesquisa ainda não foram divulgados, mas profissionais da área garantem que esse pode ser um grande avanço para o estudo dos alimentos.

Fig. 9 Notícia sobre a descoberta de que chocolate ajuda no emagrecimento.

Como é grande, entre os brasileiros, o número de pessoas que está acima do peso, ler notícias como essas oferecem ânimo e divertem, já que perder peso, normalmente, é um processo demorado e sofrido para a maioria das pessoas.

Destaque também foi dado a notícias do mundo *pop*, como o lançamento de mais um livro da saga Harry Potter, da autora J. K. Rowling, um dos livros mais vendidos na história do mercado editorial. Segue a notícia:

NOVO LIVRO DE HARRY POTTER SERÁ LANÇADO

A escritora inglesa J. K. Rowling anunciou na última quinta-feira que as histórias do bruxinho terão uma continuação

Amanda Verniano

É uma semana feliz para todos aqueles que gostam de Harry Potter. A escritora da saga, J. K. Rowling, anunciou em seu Twitter na última quinta-feira (28) que um oitavo livro será escrito. Depois do lançamento de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, em 2007, poucas pessoas tinham esperanças de que um novo livro surgiria, até porque J. K. Rowling disse que não pretendia escrever mais sobre o querido Harry Potter, motivo que fez o aviso ser mais surpreendente. J. K. disse que a obra está prevista para ser lançada no final de 2016 ou no início de 2017. Em nota, a Warner Brothers declarou que fará um novo filme, o que animou o público mais ainda. A única preocupação dos fãs é se o novo longa terá o mesmo elenco dos anteriores, desejo da maioria das pessoas. J. K. Rowling declarou também que manterá todo o público informado sobre o andamento da obra e que não esperava uma reação tão boa dos Potterheads (como são chamados os fãs de Harry Potter).

Fig. 10 Notícia sobre o lançamento de mais um livro da saga da autora J. K. Rowling.

Fato curioso é que, em um primeiro momento, mesmo tendo escolhido para carreira profissional o jornalismo, alguns alunos do Curso tiveram receio e, por que não dizer, vergonha

de enviar seus textos à professora para publicação, pensando que um grande número de pessoas leria seus textos.

Nesse momento, a figura da professora foi de suma importância, pois ela refletiu com os alunos sobre a vida de um jornalista e a frequente exposição desse profissional em função de textos que quase diariamente são publicados ou da aparição deste em mídias, como a televisão ou a Internet. Contudo, a docente não deixou de frisar a responsabilidade que todo jornalista assume ao publicar seus textos.

Conforme os textos iam sendo postados no Facebook e eram bem recebidos pelos usuários da rede social, mais alunos animavam-se a enviar suas produções e solicitar a publicação.

Isso demonstra que, mesmo com a tecnologia, a figura do professor como guia, como orientador, continua sendo primordial e indispensável para a cena pedagógica.

Talvez, por isso, naturalmente, os alunos passaram a criar outros textos e postar em seus próprios perfis. Além disso, destaca-se que foi grande o número de alunos que decidiu criar um *blog* para que pudessem fazer postagens semanais sobre os assuntos que mais lhe interessavam. Os alunos passaram a ser protagonistas da própria formação, indivíduos autônomos que publicavam suas ideias, muitas vezes, inspiradoras.

O Facebook transformou, dessa forma, o universo do processo de ensino-aprendizagem:

Os suportes das TICs estruturam uma nova ecologia cognitiva nas sociedades da atualidade. Chamo a atenção para o fato de que se instauram nessa nova configuração de cultura aprendizagens permanentes e personalizadas de navegação em que a orientação dos estudantes e professores passa a ser dirigida para um espaço do saber flutuante e destotalizado. As aprendizagens cooperativas e a inteligência coletiva no centro de comunidades virtuais favorecem uma desregulamentação parcial dos modos de reconhecimento dos saberes hierarquizados, promovendo um gerenciamento dinâmico das competências em tempo real. Nesse sentido, esses processos sociais atualizam a nova relação com o saber [27].

Na verdade, aos poucos, os educandos perceberam que eles não estavam mais fazendo textos para que estes apenas fossem lidos pelo professor:

Na situação escolar existem relações muito rígidas e bem definidas. O aluno é obrigado a escrever dentro de padrões previamente estipulados e, além disso, o seu texto será julgado, avaliado. O professor, a quem o texto é remetido, será o principal – talvez o único – leitor da redação. Consciente disso, o estudante procurará escrever a partir do que acredita que o professor gostará (e, conseqüentemente, dará uma boa nota). Mais precisamente, fará a redação com base na imagem que cria do “gosto” e da visão de língua do professor [28].

Os textos deixaram de ser feitos só para a atribuição de uma nota e ganharam um caráter público. Os relatos tornaram-se coletivos. O Facebook passou a representar um diário coletivo de notícias, angústias e de desejos. Todos os colegas universitários, amigos e familiares liam o que os outros escreviam e comentavam.

É importante ressaltar que a responsabilidade sobre o ato da escrita aumentou, assim como ampliou-se também a responsabilidade do professor que orientou essa nova experiência.

Na prática, o que ocorreu foi que as discussões e interações na página do Facebook foram levadas para o contexto educacional universitário; as reflexões virtuais tomaram as aulas presenciais. O Facebook, portanto, provocou debates e discussões profundas e auxiliou no processo de entendimento de diferentes visões sobre um mesmo tema, percurso orientado de perto pela docente que ministrava a disciplina de produção de textos jornalísticos.

Houve, assim, a criação de um ciberespaço, de um “hipertexto mundial interativo, onde cada um pode adicionar, retirar e modificar partes dessa estrutura telemática, como um texto vivo, um organismo auto-organizante” [29]; de um “ambiente de circulação de discussões pluralistas, reforçando competências diferenciadas e aproveitando o caldo de conhecimento que é gerado dos laços comunitários, podendo potencializar a troca de competências, gerando a coletivização dos saberes” [30].

Diante de todas essas possibilidades, mais uma vez, afirma-se que o docente tem um papel essencial no processo de ensino-aprendizagem. O docente universitário, quando consciente e envolvido com sua tarefa, pode fazer brotar no futuro profissional do jornalismo a vontade de mudar, de melhorar o que não está bom no mundo em que se vive.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Docentes malformados, pouco informados, sem entusiasmo e sem comprometimento usam ferramentas tecnológicas sem nenhum propósito evidente, situação que não caracteriza a experiência aqui descrita. A presente pesquisa trouxe, então, à tona, reflexões sobre o uso da Internet e das redes sociais no mundo moderno e no ambiente educacional de um Curso de Jornalismo.

Ao longo do projeto, foi possível perceber que várias vezes estavam presentes ao mesmo tempo em um mesmo ambiente. Alunos da graduação falavam ao mundo qual seria a notícia que gostariam a ser os primeiros a publicar e o público receptor manifestava suas considerações a respeito da possível futura notícia.

Vieram notícias sobre a cura de doenças; sobre vacinas que diminuiriam a morte de pessoas do mundo todo; sobre o empoderamento feminino no contexto brasileiro que ainda se mostra, muitas vezes, machista; sobre conquistas esportivas; sobre o fim de organizações e facções políticas que cometeram inúmeros atentados ao longo da história do mundo; sobre astros e eventos da música mundial; sobre o cuidado que as pessoas devem ter com animais; sobre questões políticas; sobre avanços tecnológicos e sobre o meio ambiente.

O Facebook funcionou como uma ferramenta pedagógica que facilitou o processo de formação discente e o aprendizado efetivou-se de forma coletiva. Nesse contexto, é possível perceber que a principal função do professor, nos dias de hoje,

na escola híbrida, não pode ser mais simplesmente a difusão dos conhecimentos, que agora é feita de maneira mais eficaz por outros meios, como as redes sociais.

A partir das notícias inéditas, produzidas pelos graduandos do Curso de Jornalismo, foi percebida também uma grande vontade de mudar o mundo do qual fazem parte, de mudar o que não estava satisfatório na sociedade atual e essa vontade não deveria ser perdida nunca em uma sociedade que pretende evoluir sempre:

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolúvelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este se não é capaz de compromisso [31].

Ademais, destaca-se, ainda, o fato de outros docentes depararem-se com a proposta criada no Face e utilizarem-na também com seus alunos, sejam eles da Educação Básica ou do Ensino Superior.

Sem sombra de dúvida, a tecnologia, quando bem utilizada, potencializa o caráter coletivo da aprendizagem. Todavia, não é ela que melhorará a qualidade da educação brasileira. Só o educador bem formado, criativo e comprometido pode fazer isso.

REFERÊNCIAS

- [1] E. M. de A. Pereira. Professor como pesquisador: o enfoque da pesquisa ação na prática docente. In: C. M. G. Geraldi; D. Fiorentini; E. M. de A. Pereira. **Cartografias do trabalho docente: professor(a)-pesquisador(a)**. Campinas: Mercado de Letras/Associação de Leitura do Brasil (ALB), 2001.
- [2] M. L. M. C. VASCONCELOS. **Educação básica: a formação do professor, relação professor-aluno, planejamento, mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2012.
- [3] N. Piletti; C. Piletti. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2010.
- [4] A. Bosi. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- [5] D. Saviani. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- [6] L. R. de Carvalho. **As reformas pombalinas da instrução pública**. São Paulo: Saraiva/Edusp, 1978.
- [7] D. Saviani. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- [8] D. Saviani. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.
- [9] I. Brzezinski. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores**. Campinas: Papyrus, 1996.
- [10] A. S. Teixeira. **Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- [11] J. Chaia. **Financiamento escolar no segundo império**. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 1965.
- [12] G. V. V. C. Hime. Vaz Coelho. Na Fundação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil Cásper Líbero gera o conceito de Jornalismo Moderno. **Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, 2004.
- [13] G. V. V. C. Hime. Vaz Coelho. Na Fundação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil Cásper Líbero gera o conceito de Jornalismo Moderno. **Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, 2004.
- [14] G. V. V. C. Hime. Vaz Coelho. Na Fundação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil Cásper Líbero gera o conceito de Jornalismo Moderno. **Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, 2004.
- [15] G. V. V. C. Hime. Vaz Coelho. Na Fundação da Primeira Escola de Jornalismo do Brasil Cásper Líbero gera o conceito de Jornalismo Moderno. **Anais do II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho**, 2004.
- [16] M. de L. D. J. Peña; S. M. de M. Allegretti. **Escola Híbrida: aprendizes imersivos**. Revista Contemporaneidade Educação e Tecnologia, v. 01, n. 02, 2012. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/05/edutechi_puc20121.pdf. Acesso em: 02 dez. 2013.
- [17] M. de L. D. J. Peña; S. M. de M. Allegretti. **Escola Híbrida: aprendizes imersivos**. Revista Contemporaneidade Educação e Tecnologia, v. 01, n. 02, 2012. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/05/edutechi_puc20121.pdf. Acesso em: 02 dez. 2013.
- [18] M. de L. D. J. Peña; E. F. S. Masini. **Aprendendo Significativamente: uma construção colaborativa em ambientes de ensino presencial e virtual**. São Paulo: Editora Vetor, 2010.
- [19] M. de L. D. J. Peña; S. M. de M. Allegretti. **Escola Híbrida: aprendizes imersivos**. Revista Contemporaneidade Educação e Tecnologia, v. 01, n. 02, 2012. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/05/edutechi_puc20121.pdf. Acesso em: 02 dez. 2013.
- [20] M. de L. D. J. Peña; S. M. de M. Allegretti. **Escola Híbrida: aprendizes imersivos**. Revista Contemporaneidade Educação e Tecnologia, v. 01, n. 02, 2012. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/05/edutechi_puc20121.pdf. Acesso em: 02 dez. 2013.
- [21] M. de L. D. J. Peña; S. M. de M. Allegretti. **Escola Híbrida: aprendizes imersivos**. Revista Contemporaneidade Educação e Tecnologia, v. 01, n. 02, 2012. Disponível em: http://revistacontemporaneidadeeducacaoetecnologia02.files.wordpress.com/2012/05/edutechi_puc20121.pdf. Acesso em: 02 dez. 2013.
- [22] P. Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- [23] E. Morin. **Complexidade e transdisciplinaridade: a reforma da universidade e do ensino fundamental**. Natal: EDUFRRN, 1999.
- [24] D. Kirkpatrick. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- [25] D. Kirkpatrick. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.
- [26] I. Alarcão. **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 1996.

[27] M. de G. Setton. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

[28] L. P. L. Britto. Em terra de surdos-mudos (um estudo sobre as condições de produção de textos escolares). In: J. W. Geraldi. **O texto na sala de aula: leitura e produção**. São Paulo: Ática, 2001.

[29] A. Lemos. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

[30] A. Lemos. **Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

[31] P. Freire. **Educação e mudança**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.